

318

22/4/936



BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE LISBOA

WICTA CINE

NA CAPA: Lil Dagover



O Vínculo Cíneo

Semanário Ilustrado de Cinematografia
Redacção (provisoriamente Rua Bela da Fontinha, 14-A)
PORTO

Director proprietário **ROBERTO LINO**
Editor — **JOÃO SOUTINHO DE OLIVEIRA**

N.º 229 11 de Março de 1936 Ano XIII

Composto e impresso na Tip. **DIÁRIO DO PORTO**, Rua de S. Bento da Vitória, 10—PORTO

Número especial para garantia de título. Distribuído Gratuitamente e Visado pela Censura

O CINEMA ACTUAL

U M ano! Correram os meses rápidos, mais velozes do que, com a velocidade simbólica dada pelo cavalo alado. Passaram numa carreira que não pode dizer-se de sucesso isenta de contrariedades e de amarguras!

Tudo evoluciou ou cristalizou; marchou-se mais um passo para o Nada e as obras dos homens, que são a sua perpetuação, ou assinalaram êsse passo, ou dizem da pequena energia constructiva de que está possuída a Humanidade, neste segundo quartel do século XX.

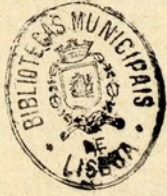
São as artes o reflexo vivo e quasi sempre imorredoiro dos progressos no campo moral e social; a elas devemos tôda a interpretação do segrêdo das maravilhas da antiguidade, do seu pensar, do seu querer, das profundas aspirações dos homens de antanho, ávidos sempre dum ideal mais perfeito, criadores inimitáveis de doutrinas e artes, que analisadas hoje, ainda deslumbram pelo seu brilho. Fomos levados ao conhecimento de todos êsses factos e pensares grandioso do passado pela crítica científica, e portanto, imparcial.

O cinema indiscutivelmente considerado hoje uma arte, pode como as outras traduzir as faculdades duma época. Mas, se formos analisar o período que decorreu entre o aparecimento de dois números desta revista, para garantia de título, certamente, que as conclusões não são de molde a deixar-nos boquiabertos, satisfeitos, como se o cinema tivesse cumprido a sua missão; pelo contrário, verificamos com desgosto, uma decadência progressiva de tôdas as coisas. O cenário, a decoração, o modo genérico da interpretação, a montagem, são designações, que pelo facto de significarem hoje sempre a mesma forma de fazer, podem dar origem à criação dum tratado clássico de cinema.

Aquela fase pujante de arte cinematográfica, que nos deu o cinema silencioso, nos últimos anos da sua existência, não podia levar-nos a acreditar na existência do actual embrógllo a que se chama cinema. Tudo tem decaído, o cinema actual não acusa uma fase de evolução progressiva. Certo é, que esta enfermidade grande e grave, resulta de factores de natureza complexa, cuja aglomeração deu origem a problemas que os próprios povos procuram solucionar. O cinema é, considerando cada país produtor, um reflexo da vida interna social e moral dêsse mesmo país. Mas, há conjuntos de fenómenos, no interior de cada um dos países, que influem normalmente na qualidade da produção. Analise-se quais eram os países produtores anteriormente a 1925. Veja-se a diferença entre a vida orgânica de cada um dêsses países nessa data e a actual... Que profundas mudanças se não apresentam, que soluções e que crises, umas relacionadas com factores económicos outras com fenómenos políticos. Vê-se, na maior parte dos países, quer europeus, quer americanos, um proteccionismo feroz, uma luta guerreira sem armas, onde os povos se aglomeram, inocentemente barricados por pautas aduaneiras proibitivas. Vê-se a concentração das energias dentro do próprio país, na ânsia de resistência às crises supostas externas, mas que têm causas internas. Daqui resulta a falta de internacionalização da produção cinematográfica. Os países produzem para o gosto do seu público, não procuram aperfeiçoar a arte, dando ao cinema características de órgão propagandista de cultura e beleza. Fazem os filmes, como alguns escritores mediocres fazem as novelas sem espírito, sem alma, sem ansiedade de progresso, apenas submetendo-se à receita, aos milhares vendidos e ao lucro auferido. Mantem assim essa chama "sagrada" e vão parturejando, ora uma novela de bandidos e tiros, ora uma outra de feras e selvagens. Idêntico é o caso do cinema; subjugado a tôdas essas condições, privado de expansão internacional, sujeito ao férreo cont rôle de ideais, limitado em âmbito estreito, não possui dinâmica, não tem poder construtivo, não se abalança a maiores realizações.

O cinema produz actualmente a historieta amorosa, com esta ou com aquela peripécia; produz a comédiazinha ensôssa, que se anuncia de gargalhada e que no decorrer apenas faz sono; produz a fita de cow-boys sempre igual, sempre com corridas e tiros, ou a fita da selva, de feras enjauladas dentro das condições parcimoniosas do cenário; estropia ultimamente as biografias dos homens do passado, sem ser pelo desejo de as fazer conhecer do público...

Defendemos o ponto de vista da internacionalização do cinema, factor fundamental da Arte. Esta não tem fronteiras e só se consolida, quando verdadeiramente as atravessa; fora disso não passa duma manifestação local, que pode amanhã ser estudada como um caso típico, mas nunca como Arte.



O TREVO DE QUATRO FÔLHAS

DIZEM que o trevo de quatro fôlhas dá ao seu possuidor felicidade. É freqüente encontrar-se, em certas épocas do ano, as raparigas do campo em busca do bemquisto trevo, bafejado por alguma boa fada, crescendo entre luzernas e boninas, nas campinas de pastagens.

Não sabemos qual seja a origem da lenda, nem dela carecemos; deve perder-se na noite dos tempos, pois até, como motivo arquitectónico foi empregado nos estilos clássicos; terá inspiração popular, como tôdas as lendas, mimosa ou dolorida, apaixonada ou apaixonante, sendo oferenda freqüente dos namorados as namoradas, reproduzido em prata ou ouro...

Na noite de S. João também o trevo simbólico, criado com mil cuidados de estufa, emparceira em vasilhos vermelhos com o cheiroso manjerico, outro querido da crendice popular, companheiro inseparável dos cravos rubros, lembrando as bôças «batonés» das raparigas das cidades, ou das moçoilas guapas do verdejante rincão minhoto...

Seja como for, o trevo é querido, é talismã da felicidade, é religiosamente guardado nos livros de missa, entre cujas fôlhas seca, mirra e desaparece pulvurento, como muitas vezes o sonho ou quimera, que levara intencionalmente a procurá-lo.

Não é este trevo de quatro fôlhas que nos interessa agora, o pequeno vegetal que também procuramos e achamos.

Aquêles a que nós queremos fazer referência é o que faz girar o cenário do filme «O Trevo de Quatro Fôlhas» que breve o Porto verá, com cenas vividas na sua burguesíssima cidade, com um ídolo da bola de fama apregoada, com caras de gentes conhecidas...

Embora desconhecedores do cenário, não é ousado afirmar que o desenrolar da acção terá basilarmente fulcro, na pequenina fôlha palmada, amulêto, da boa-sorte, recortado em corações.

É um filme mais a afirmar das possibilidades da cinematografia portuguesa, e que a julgar pelo que temos visto se afasta profundamente doutros, que até aqui analisaram factos do passado; é, por assim dizer, uma obra contemporânea, cortada por lances amorosos prôpriamente característicos da sociedade actual, achada conseqüentemente pela mania desportiva, também de relêvo grandioso, no decorrer do incógnito cenário. Este facto mesmo, este incógnito, contribue para que à volta da tessitura do filme se façam os mais divergentes comentários, se idealizem as mais bizarras interpretações, se casem e descasem as personagens...

No mar de gente que se acumulou nos lugares de filmagem, apesar muitas vezes do tempo de borrasca, apareceram, gritantes, as nossas características cinéfilas, aquelas que conhecemos do correio das revistas, ávidas sempre de novidades frescas.



MAFALDA EVANDAÚS

Uma das principais interpretês de «O Trevo de Quatro Fôlhas»

Procópio Ferreira

numa cena do
fonofilme «O
Trevo de Qua-
tro Fôlhas»



Você, ciné-
fila, que con-
seguiu atra-
vessar a flo-
resta humana
que nos rodea-
va, depois das
mil e uma cal-
cadelas que le-
vou e distribuiu, nem assim, após aquelas con-
trariedades, tendo-lhe passado a boina de 3/4 para
1/6 da cabeça, desistiu, tagareleira, de vir dizer-nos
que o Waldemar Mota se chamava João e estava
noivo da Lúcia, mas que havia contrariedades por
causa da Lola... Não sabemos como arranjou essa
engênhoça, um cenário com princípio e fim, o que
nós desconhecíamos; mas não deixamos de gostar
de ouvi-la, na sua exaltação crescente, colocar a
Manuela e a Rosita como apaixonadas pelo Zé Ma-
ria, um grande ás da bola, cuja cabeça rodopiava
sob a acção do olhar estonteante da «Lola», a
bailarina demónio, para o sexo feminino.

Você architectou bem, deu às coisas um «happy-
end» romanêsco que não deixará certamente de
satisfazer as outras cinéfilas como Você e essen-
cialmente o grande público... Você assistiu à
chegada triunfal do Zé Maria, veio na onda dos
admiradores, procurou o seu melhor olhar evi-



denciou-se sonhadamente, confiou na sorte que lhe
daria o seu trevo e ao qual talvez tivesse já ciciado
a aspiração de ser um dia vedêta ou vampe, já que
estava sendo uma deliciosa comparsa...

Contudo, tivemos a impressão de que êsse
trevo de ouro esmaltado de verde intenso, que
estava fixo na sua «jersey» esmaecia...

Por aqui julgamos da crescente ansiedade que
rodeia a próxima estreia do filme; por um lado, o
desejo de ver actuar artistas conhecidos da cena por-
tuguesa; por outro, a curiosidade, a expectativa que
sempre cerca qualquer produção nacional.

Fazemos votos para que a sua apresentação
seja um grande sucesso, a sua confecção uma gran-
de felicidade, não se desmentindo, aquelas qualida-
des do trevo de quatro fôlhas, que o tornam tam
querido, tam estimado e procurado.

OS CINEMAS

S. João e Aguia de Ouro

apresentam ainda durante a presente época as
notáveis produções da

METRO-GOLDWYN-MAYER

Ana Karenina

1.º Prémio da Bienal de Veneza com GRETA GARBO e FREDRIC MARCH

Parada Maravilhosa 1936

Uma « féerie » supreendente com ELEONOR POWELL

A mais extraordinária bailarina do mundo

Princesa endiabrada

Deslumbrante opereta do «maestro» VICTOR HERBERT com JEANETTE MACDONALD e o célebre baritono NELSON EDDY

Nos mares da China

Uma aventura emocionante de ambiente exotico com WALLACE BEERY, JEAN HARLOW e CLARK GABLE

Apurados para o serviço (Os Ronceiros da India)

com LAUREL e HARDY

Aguias de aço

Um grande filme de aviação com WALLACE BEERY e ROBERT YOUNG

Herói publico n.º 1

inspirado na vida e morte do celebre «gangster» JOHN DILLINGER com CHESTER MORRIS e LIONEL BARRYMORE

O garoto do circo

Um autentico espectáculo de circo com WALLACE BEERY e JACKIE COOPER

Quero viver a vida

Diliciosa comédia de VAN DYKE com JOAN CRAWFORD, a rainha da elegancia
E os grandes filmes distribuidos pela

SONORO-FILME

Bosambo

A revolta duma tribu do interior da Africa

O Cardeal Richelieu

Um documento histórico com GEORGE ARLISS

Stradivarius

Admiravel filme musical. A história dum grande amor durante a Grande Guerra com RICHARD-WILLM e EDWIGE FEUILLÈRE

O fantasma vai para o Oeste

A extraordinária realização de RENÉ CLAIR
e o grande fonofilmte português

O TREVO DE QUATRO FOLHAS

Nesta temporada será ainda apresentada a última novidade

O cinema em relêvo

APONTAMENTOS SOBRE

RENÉ CLAIR

A personalidade de René Clair e a sua obra já tam vasta e tam curiosa, mereciam um cuidadoso e demorado estudo que não está, evidentemente, nas intenções modestísimas destas linhas. Que o leitor não procure, pois, nem espere mais do que uns largos e rápidos apontamentos sobre René Clair, despretenciosamente traçados ao sabôr da pênna.

Possuidor duma brilhante inteligência a que se aliam estreitamente um admirável „sense of humour” e um penetrante poder de observação, René Clair apresenta-se como a mais interessante figura do cinema francês.

Em 1919, muito novo ainda, aparece-nos como redactor do „Intransigeant”. Mas já então a juventude forte e vigorosa do cinema, ainda mal explorado e mal compreendido, exerce sobre ele uma irresistível atracção. Em 1921 René Clair, sob a direcção de Feuillade, entra, como intérprete secundário, em dois filmes mediocres: *L'Orpheline* e *Parisette*. Começa aqui a sua aprendizagem cinematográfica, de que ele se orgulha, continuada algum tempo mais tarde quando a „Belga-Film” o contrata como assistente de Baroncelli para a realização de *Le Carillon de Minuit* e *Amour*.

Em fins de 1923 e em muito precárias condições, René Clair realiza o seu primeiro filme: *Paris que dorme*, um simples conto, espirituoso, cheio de fantasia e originalidade, que, não obstante ter sido o começo da sua carreira, se mantém ainda hoje como uma das suas obras mais representativas e a tal ponto que, ha relativamente pouco tempo, um jornalista francês o apontava como „le type même dont le film français devrait s'efforcer de s'approcher”.

Um ano depois Clair realiza *Entr'acte*. Deste filme, que não vi, escreve Bernard Brunius na „Cinéa”: „*Entr'acte*, perfeita demonstração de tecnica, não é um ensaio de cinema puro da mesma categoria de *Jeux des Reflets* et de *la Vitesse* (espécie de retórica do cinema puramente visual). E' antes um poema que, alem da vertigem dos sentidos, se inspira nas comédias de Mack Senett.». «Rápido, violento, escreve Charenzol, *Entr'acte* é um filme dum cómico e duma força dinâmica irresistíveis. E' certamente o primeiro filme francês que nos fez rir sem a ajuda de facécias grosseiras.

E' nesta altura que Clair começa escrevendo *Adams* — „romance poético onde se encontram influências vizinhas do surrealismo e do cinema” — e que só virá a público mais tarde, depois da realização de *O Fantasma do Moulin Rouge* — onde a segurança de Clair se afirma sobretudo na montagem — e de *A Viagem Imaginária*, obra de valor mais limitado cujo maior interesse reside no sonho dum dos personagens tratado duma maneira curiosa.

Em 1926 é apresentado a público *La Proie du*

Vent. Aqui, René Clair afasta-se dos seus temas precedentes, interceptando a série de filmes fantásticos para nos dar uma história romanesca muito bem feita mas dum género mais comercial.

Ainda antes do advento do cinema sonoro Clair dirige mais dois filmes: o extraordinário *Chapeu de Palha de Italia* (que a sua fita mais recente, *O Milhão*, veio recordar) e uma singela e deliciosa comédia intitulada *Os Dois Timidos*.

O Chapeu de Palha de Italia teve em Portugal um acolhimento indigno. O seu sucesso foi mediocre. Nem o público, na sua maioria lhe ligou grande importância, nem alguns dos conceituados críticos de então foram além de chaladas referências depreciativas...

O espirito tam saboroso, a fina ironia e os extraordinários detalhes desse quadro humorístico tam bem observado, da vida da „gente média” de antes da guerra, passaram despercebidos a uns e a outros...

O Chapeu de Palha de Italia foi extraído, ou melhor, inspirado no vaudeville do mesmo título, de Labiche. Mas a adaptação, passando além do fim atingido pelo autor dessa peça do velho repertório, resultou uma engraçadíssima caricatura da pequena burguesia fim-de-século. Inspirando-se ora no efeito cómico produzido pelo envelhecimento dos filmes de antes da guerra, ora em certas sugestões trazidas por Chaplin, René Clair produziu assim um efeito cómico indirecto a que Moussinac chama „de recóchete”.

Convem agora notar aqui a influência exercida por Chaplin sobre a obra de René Clair — influência sempre bem clara e tam vinculada ainda num dos seus últimos filmes: *14 de Julho*. Influência, digamos, habilmente transformada por uma das mais apuradas sensibilidades de artista.

René Clair, que soube criar verdadeiramente um estilo (um estilo poético cinematográfico) tem personalidade bastante e suficiente poder creador para da fonte onde foi colher inspiração tirar proveitos sem abdicar do sua originalidade. Aproveitou sugestões como bom discípulo que por sua vez se fez mestre.



Continua na página 15

A SONORO-FILME, LIMITADA

depois de nos ter apresentado os maiores exitos da temporada

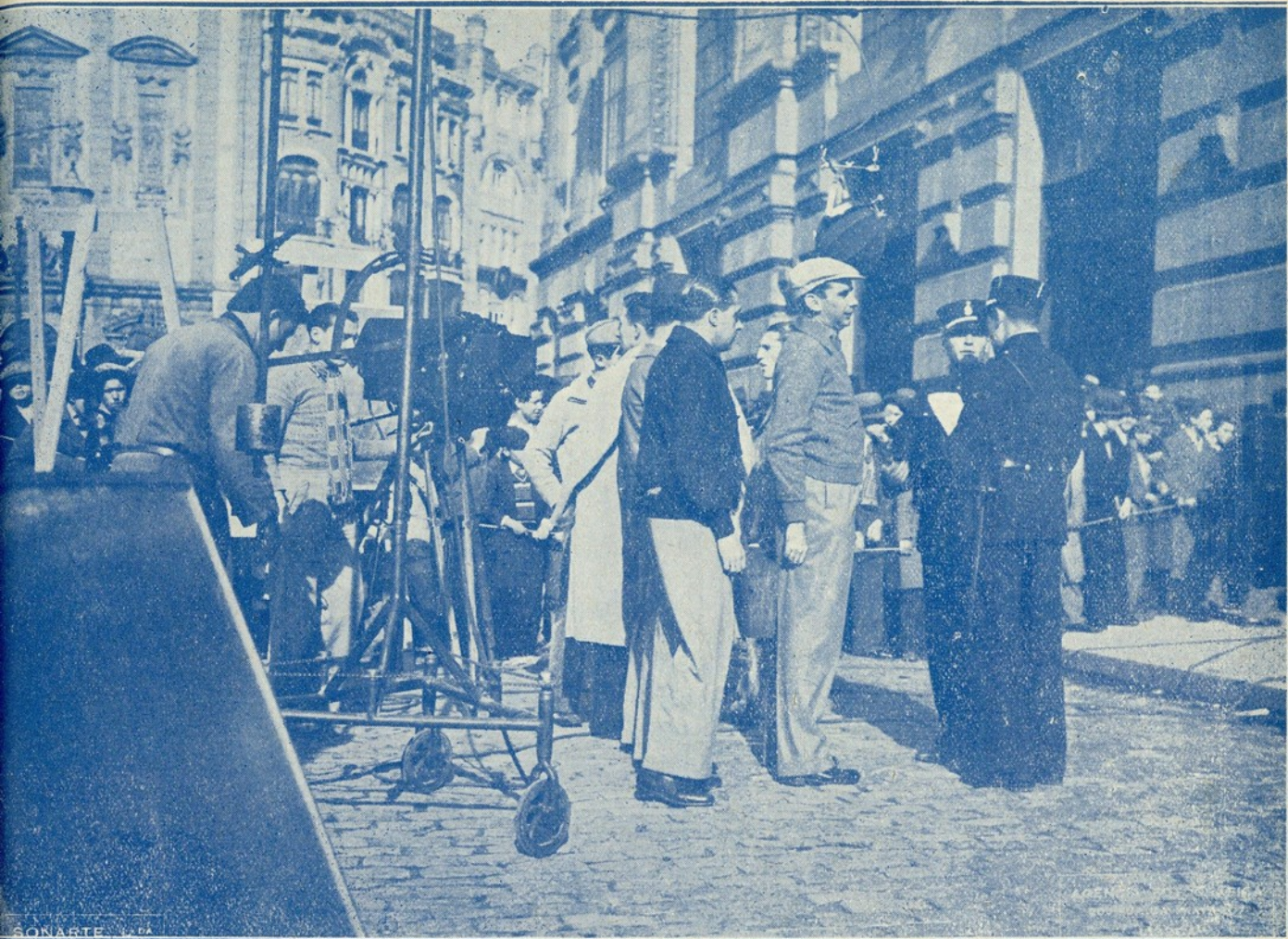
Mascarada
O Conde de Monte Cristo
Folie-Bergere
Gosto de todas as mulheres
Casta Diva
A valsa do Adeus
O rapaz milionário
Ressureição e
Variedades

vai-nos apresentar, na segunda fase da sua actual temporada, mais os seguintes êxitos que se podem garantir antecipadamente:

A revolução francesa
Bozambo
Mazurka
Stradivarius
O mundo caminha para o amor
Uma noite de sonho e

O TREVO DE QUATRO FOLHAS

Grande fonofilme português de categoria internacional.



Junto da Estação de S. Bento, Chianca de Garcia, vai dar início à filmagem de uma cena do fonofilme «O Trêvo de Quatro Folhas». Esta nova produção portuguesa está sendo aguardada com ansiedade.

PALAVRAS SIMPLES

Impossibilitados de entrevistar o realizador da nova produção nacional «O Trêvo de Quatro Fôlhas», tomamos a liberdade de transcrever do nosso simpático colega «O Norte Desportivo» algumas passagens de artigo da autoria de Chianca de Garcia:

«Compreendem os meus amigos do Pôrto como me é extremamente difícil escrever sobre «O trêvo de quatro fôlhas», porque em boa verdade...— quem há-de gabar a noiva?

Sinceramente, porém, devo dizer que me sinto satisfeito com o trabalho já realizado e esperançado em que o pouco que falta fazer há-de corresponder ao que está feito.

Uma das minhas preocupações ao meter ombros a esta empresa de «O trêvo de quatro fôlhas» foi encerrar no filme algumas cenas de carácter acentuadamente desportivo e escolher o Pôrto, cidade que ao

desporto nacional tem prestado inegaláveis serviços como cenário dessas cenas em que, vá lá a confissão, tenho a melhor das esperanças.

O estádio do Lima, pela sua situação e pela esplendida luz de que disfruto foi o terreno por mim escolhido e cada vez me sinto mais satisfeito com essa escolha, tam convencido estou de como vai agradar a parte desportiva do filme.

Não tive a pretensão de realizar um filme que deixasse assombradas as cinco partes do Mundo, mas estou honestamente convencido de que realizei uma obra sã, optimista e honrada, susceptível de prender a atenção dos povos de língua portuguesa, e, nomeadamente, dos povos português e brasileiro.

É o que neste momento posso dizer de «O trêvo de quatro fôlhas» e ainda mais isto: que espero com natural nervosismo, mas cheio de confiança, o dia da estreia do filme».

JUSTIÇA NOS FOI FEITA

O parecer publicado há dias pela Camara Corporativa, como considerando à proposta de lei do deputado dr. José Cabral, afigura se-nos a maior Justiça que se tem prestado em Portugal ao cinema e à indústria cinematográfica. Eram, sem dúvida, muito de considerar as finalidades da proposta de lei: a situação dos músicos portugueses, a entrada dos menores de 14 anos nas casas de espectáculos. Sómente nos referimos, neste artigo, ao primeiro fim do projecto; o outro tem sido largamente debatido.

É velha pecha os músicos dizerem e afirmarem, que ao cinema se deve grande parte do seu desemprego; afirmam, juram e trejuram, não vão adentro da classe buscar grande parte dos seus males. O culpado é só o cinema sonoro, e ao que parece, também o rádio e o gramofone.

Quando se deu o aparecimento da cinematografia sonora, já a classe musical estava em crise. Sem procurar fazer, como o sapateiro de Apêles, diremos que após o advento do jazz-band, começou a crise desta classe; pondo de parte a questão da arte musical, pode dizer-se sem receio de desmentido, que se deu uma autentica invasão de musicastros, ávidos de dinheiro e atraídos pela facilidade da «nova arte», em que todo o ruído é música. O nosso país não estava preparado, nem tinha temperamento para tais batucadas, mas a novidade interessou nos primeiros tempos, os cinemas e cafés suportaram o encargo de grandes «orquestras» de jazz-band; as meninas cinéfilas, nessa época em que a mania cinéfilica estava exacerbada, acharam bom o tal produto de importação, o jazz. Conjunctamente com a enfermidade, vieram do estrangeiro alguns músicos peritos na tal «arte», que ocuparam o lugar dos nacionais e não sabemos se ainda ocupam. O tempo tem destruído o valor dessa música negra; só os verdadeiros músicos conseguem trabalho; os outros queixam-se, aliás com alguma razão, mas atribuem certas culpas ao cinema que em nada os prejudicou. Apenas houve a coincidência, do início da crise da classe musical concordar com o aparecimento do cinema sonoro.

Muito doutamente assim o compreendeu o ilustre relator do parecer, o eminente académico sr. dr. Júlio Dantas e restantes procuradores da Camara Corporativa; transcrevemos parcialmente.

•REBATENDO AS CONCLUSÕES DO AUTOR DO PROJECTO

O ilustre deputado colocou, porém, a questão no plano dos interesses meramente profissionais, e, por conseguinte, orientou a sua iniciativa apenas no sentido, aliás louvável, de assegurar condições de trabalho aos músicos executantes. De que maneira? Proibindo as casas de cinema das sedes dos dis-

tritos administrativos do continente e ilhas adjacentes de transmitir ou executar «música mecânica» no início, nos intervalos e no fim das exhibições cinematográficas; obrigando as empresas de cinema a manter uma orquestra organizada pelo Sindicato Nacional dos Músicos, o que determina para elas um encargo que tem de ser suportado, em partes iguais, pelas referidas empresas e pelas entidades distribuidoras de filmes, sem compensação em receita porque os preços de locação não podem ser elevados.

Quere dizer: oneram-se os cinemas, de tributados fortemente (o próprio decreto n.º 13.564, de 6 de Maio de 1927, o reconhece no seu relatório), com o pagamento de uma nova contribuição; obriga-se uma actividade industrial privada, que pelos seus componentes já concorre, nos termos da lei, geral para o Fundo de Desemprego, a suportar o novo encargo do subsídio a uma determinada classe de desempregados; coagem se as empresas particulares a pagar serviços de que absolutamente não carecem, sem se lhes conceder ao menos a liberdade de escolha das pessoas que lhes hão-de prestar. A admitir semelhante doutrina, nenhuma empresa particular estaria amanhã segura de que a não obrigariam, por coação legal, a receber pessoal inútil à sua actividade e a assumir encargos superiores à capacidade dos seus recursos. Em proveito, ao menos do bem comum? Não. Ninguém acreditará que do facto de alguns músicos desempregados executarem, nos intervalos da exhibição de um filme, um ou dois trechos musicais portugueses, resultem, sob o ponto de vista superior da cultura, sensíveis benefícios para a arte nacional. Trata-se apenas, no caso sujeito, de sacrificar uma actividade em proveito de outra. Não é justo. Concorde plenamente a Câmara Corporativa em que se protejam, quanto possível, os interesses profissionais dos músicos portugueses; mas manifesta o seu desacôrdo quanto à forma de protecção adoptada neste projecto de lei.

NÃO SÃO SÓ OS MUSICOS OS ATINGIDOS PELO CINEMA

Vem a iniciativa do ilustre deputado desacompanhada de elementos estatísticos comprovativos de que a industria cinematográfica, em Portugal, suporta novos encargos. Ainda que assim fôsse, não seria aconselhavel impôr-lhos em nome de um princípio reconhecidamente injusto. Porque razão ha-de pesar sobre esta indústria, e não sobre qualquer outra, a obrigação de subsidiar os músicos desempregados? Porque os músicos são vítimas do cinema? Mas não foi apenas a cinefonia que os atingiu nos seus interesses profissionais; prejudicou-os, na «idade do disco», a musica registada; prejudica-os ainda hoje mais do que o cinema, a radiodifusão. Além disso, entre as vítimas das formas standardizadas da arte não se encontram

apenas os músicos, mas os escritores, os actores, os coreógrafos, os teatralógicos encenadores, os maquinistas, os indumentaristas, os pintores-cenógrafos, os representantes, enfim, de todas as artes subsidiárias do espectáculo teatral, que, com o mesmo direito, reclamariam amanhã dos industriais de cinema subsídios de desemprego.

A indústria cinematográfica não é culpada de existir; nem os actuais representantes dessa indústria, que legitimamente a exercem têm qualquer responsabilidade na invenção do cinema sonoro. Toda a obra da civilização (a que Christopher Dawson não quer que se chame «progresso») é, em última análise, uma série ininterrupta de crises. O fonograma determinou a crise da música viva; o cinema, a crise do teatro; a radiofonia, a crise do disco, problema para cuja solução o governo italiano convocou um congresso internacional que se teria realizado em Roma, no mês de Dezembro último, se o houvessem permitido os acontecimentos políticos; e amanhã, naturalmente, a televisão produzirá a crise de todas as formas mecanizadas anteriores. Em qualquer caso, porém, de que não podem ser responsáveis, nem o disco, nem a cinefonia, nem as ondas hertzianas, é do excesso de músicos profissionais, causa também, como ficou dito, do agravamento do desemprego no domínio desta profissão.

COM A RADIOFONIA E FONOCINEMA AUMENTOU, ENTRE NÓS, EM VEZ DE DIMINUIR, O NUMERO DOS MUSICOS DIPLOMADOS! UMA CURIOSA ESTADÍSTICA

Supor-se-á que, com a invenção da radiofonia e do fonocinema, o numero dos musicos diplomados diminuiu. Engano. Aumentou consideravelmente. Em 1909, antes do desenvolvimento das formas de arte mecanizada, o número global de inscrições e de matrículas, no Conservatório de Música, foi de cerca de 900 alunos; em 1919, esse número subiu a 1.534; em 1929, a 2.216. Procurou-se, na reorganização deste estabelecimento de ensino promulgada pelo decreto, com força de lei. n.º 18.881, de 25 de Setembro de 1930, estabelecer o regime do «*numerus clausus*» para a admissão à matrícula na disciplina mais populosa. Foi tal o clamor, que, até hoje, essa disposição legal não pôde ser cumprida.

Mas, vejamos a questão ainda sob outro aspecto: o da utilidade social do cinema. «O filme — diz o técnico alemão Rosenthal, no seu estudo intitulado «Política cinematográfica cultural» — não é uma mercadoria qualquer, nem um produto destinado apenas a divertir as populações: contém valores culturais de primeira ordem; representa um instrumento de propaganda, de vulgarização, de educação, digno de protecção igual àquela que, no direito interno e internacional, é concedida à arte e à literatura». Porventura ambiciosa na expressão, este critério não deixa, sob determinados pontos de vista, de ser justo.

Ponhamos de parte o «cinema educativo», que, como se sabe, tem acompanhado e servido, de maneira admirável, o movimento de renovação pedagógica dos últimos vinte anos, ponhamos de parte também, o «filme científico», de estrutura puramente didáctica (cinetecas médicas, agrícolas, técnicas, acção combinada da cinematografia e da ultra-microscopia, documentários auxiliares do ensino universitário, atlas cinemáticos Curt Thomalla); e, ainda, os filmes de propaganda popular nos domínios da higiene, da eugenia, da puericultura, da prevenção social («*popularwissenschaftlicher volksbelehrungsfilm*») cuja utilidade é já hoje indiscutível, mas que não interessam ao caso sujeito.

O próprio cinema de diversão pública, o fonofilme vulgar que se projecta nas casas de espectáculo constitui um poderoso agente de cultura — mesmo quando não tem a pretensão de o ser — não só porque facilita, com um poder de difusão superior ao do livro, conhecimentos de história, de filosofia, de ciências naturais, de etnografia, de geografia, mas ainda porque oferece, no campo da ética, de estética e da psico-estética, infinitas possibilidades educativas — desde, evidentemente, que os valores morais sejam respeitados na concepção da obra e assegurada a sua perfeita realização artística.

Tem-se duvidado, é certo — não o ignora esta Câmara — do valor do cinema como meio de expressão ao serviço das literaturas, isto é, como sucedendo do espectáculo dramático. Com efeito, os «*scenarii*» cinefónicos são por vezes pueris; sente-se, na industria cinematográfica, a fadiga da imaginação determinada por uma produção exaustiva e incessante; não falta quem anuncie a crise próxima do cine-drama — crise determinada pela impossibilidade de renovar constantemente os motivos de planificação e, sobretudo, pela carência de contacto directo do espectador com a realidade, porque as imagens fotofónicas em movimento conseguem apenas dar uma impressão automática da vida.

O CINEMA CONSTITUI UMA NECESSIDADE DO POVO

Seja, porem, como fôr, a verdade é que o bom cinema educa, instrue, informa, diverte, comove; exerce, até certo ponto, a influencia social que outrora exerceu o teatro; e (o que é incontestável) constitue uma necessidade do povo. Reconhecida essa necessidade e, portanto, a utilidade publica das empresas cinematográficas, não parece de bom conselho onerá-las de excessivos encargos que possam comprometer a sua livre expansão, mormente quando esses encargos tenham de ser suportados, não no interesse geral, como contribuições para o Estado, mas no interesse especial de uma determinada classe de desempregados, embora digna de todo o apreço. Não é essa, aliás, a única forma por que os poderes públicos podem proteger os músicos nacionais. Há outras, e há sobretudo uma, que se integra no quadro dos interesses superiores da vida do espirito: assegurar as condições indispensáveis ao desenvolvimento e prestígio da cultura musical em Portugal »

ALIANÇA FILME, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 418 — PORTO

Apresentará ainda esta temporada

A DEUSA DO FOGO

Do conhecido romance «ELA», de Rider Haggard — A mais grandiosa fantazia que o cinema tem produzido. HELEN GAHAGAN, RANDOLPH SCOTT e HELEN MACK.

O SR. SHERLOCK E A SR.^A HOLMES

Titulo definitivo de «A ESTRELA DA MEIA NOITE». Uma deliciosa comédia com GINGER ROGERS e WILLIAM POWELL

A ALEGRE DIVORCIADA

A mais importante comédia musical dos famosos bailarinos FRED ASTAIRE e GINGER ROGERS, que para esta fita criaram a nova dança «A CONTINENTAL», cantada em português por RAUL ROULIEN.

HIP, HIP, HURRAH!

Uma fábrica de gargalhadas, com bela música, lindas mulheres, os excelentes cómicos WHEELER e WOOLSEY, com a encantadora THELMA TODD.

São produções “RADIO”... é claro!

Distribuição de

ALIANÇA FILME, L.^{DA}

RUA DO ALMADA 418.—PORTO—Portugal

ALIANÇA FILME, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 418 - PORTO

Apresentará ainda esta temporada

O FILHO DE KING-KONG

A continuação do célebre «KING-KONG». Emoção, situações fantásticas, primorosa realização.

A FEIRA DA VAIDADE

O primeiro filme de grande metragem, no novo colorido, pelo mesmo processo de «LA CUCARACHA», em tricromia. Um filme de ROUBEN MAMOULIAN, com MIRIAM HOPKINS.

CAVALEIROS DE CAPA E ESPADA

Outra nova criação dos célebres cómicos WHEELER e WOOLSEY, que é uma nova fábrica de gargalhada.

e, finalmente, a maravilha das maravilhas

OS ÚLTIMOS DIAS DE POMPEIA

São produções "RADIO"... é claro!

Distribuição de

ALIANÇA FILME, L.^{DA}

RUA DO ALMADA, 418 - PORTO - Portugal

A EVOLUÇÃO

DA CINEMATOGRAFIA

Passou há cerca de três meses o quadragésimo aniversário da primeira projecção pública das imagens animadas. Não deixa pois de ser interessante observar, embora a traços largos, que de progresso foram manifestados neste lapso de quarenta anos.

Ninguém ignora o que foi o cinema, nos seus primeiros tempos, nem os mais jovens cinéfilos. Com assiduidade pelas salas de espectáculo cinematográficos, devem ter visto a reposição, em complementos de programa, da *Saída da Fábrica*, ou da *Chegada do Combóio* e mesmo documentários contemporâneos. Chegamos a ver uma pequena produção alemã que descrevia os começos da cinematografia. Os filmes eram então imagens de movimento tremido, desageitadamente automático, mas maravilhando já os seus espectadores.

Ao cabo de trinta anos, com obras no activo da envergadura de *A Morte Cançada*, *Os Nibelungos*, *O Último dos Homens*, *Variadas*, *A Quimera do Ouro*, *Culb 73*, *A Linha Geral*, e tantas outras, quanto esforço assinalado! A luz, o movimento, numa palavra a técnica, foram repuxadas ao máximo.

Foi depois anunciado o sonoro. Espectáculo novo para as plateias, mas não uma ideia recente posta em prática. Desde os primeiros passos do cinema se vinham fazendo tentativas para dar a palavra e os rúidos às imagens. O resultado mais ou menos perfeito só foi exibido ao público por alturas de 1926. De *O Cantor Louco* passando por *Sob os Telhados de Paris*, *O Caminho do Paraíso*, aos filmes de hoje (Uma noite aconteceu, O Denunciante, O Pão Nosso de Cada Dia etc.) vai outra soma notável de actividade e de desenvolvimento. O aperfeiçoamento do filme sonoro e falado parece ter atingido o seu mais elevado grau.

Os técnicos da indústria cinematográfica são porém prodigiosos de inventiva e de vontade. Não ficando por aqui, já um novo passo é assinalado na vida progressiva desta arte nova:—o cinema colorido, do qual vimos os primeiros reflexos.

Era uma experiência que vinha correndo paralela com a do som, dos primeiros tempos. Mas esta acompanhando imperfeitamente o cinema silencioso, de quando em quando. Lembrámo-nos todos dos trechos de vários filmes-supers, horivelmente coloridos e insurpotáveis, onde as imagens tinham aparência de bonecos de feira sarapintados grosseiramente. A persistência dos técnicos vai vencendo porém; pois, em face de um filme como *A Cucaracha*, ainda que não satisfazendo amplamente, há a reconhecer a sua perfeição na harmonia e sua vividade das côres recortando-se nítidas, sem aspecto grandemente pastoso. Há progresso sensível.

Nos desenhos animados de Walt Disney começamos a apreciar os bons resultados do emprêgo das côres, (*A Bruxa da Floresta*, e *Os Trez Porquinhos*) e nestes pequenos filmes o seu emprêgo é mais feliz, não merecendo censuras de ninguém. Os bonecos riscados pelo lápis, são mais expressivos e graciosos, e a «paisagem» tem mais relêvo.

As tentativas da coloração de películas de enredo continuam, pretendendo-se generalizar esta a toda a produção. Impossível?! Quem poderá prevêr! Quem calcularia ao ver os primeiros filmes sonoros, que o cinema baniria da sua produção os filmes mudos?! Há os de Charlie Chaplin—mas Charlot é uma excepção e uma raridade.

Veremos ainda e talvez este ano *Becky Shard* (Feira de Vaidades) de Mamoulian, cuja superioridade sob o ponto de vista do colorido, sobre *La Cucaracha*, foi notado pelos críticos estrangeiros.

Em sùmula, trabalha-se para implantação do cinema colorido nas telas do mundo.

E não é tudo: nos estúdios e laboratórios, prosseguem esforços noutros sentidos: para dar ao cinema o relevo, já com experiências satisfatórias; e para poder-se transmiti-lo pelo processo da televisão—o tele-cinema.

Cinema é sinónimo de movimento, de progresso. Confronte-se o seu desenvolvimento técnico em meio século muito incompleto, com o do seu venerável e velho irmão o Teatro com alguns séculos de existência.

Como arte, como valor social e como indústria, marca actualmente a sua preponderância reconhecida por inúmeros valores intelectuais.

Henry Paulaille diz do cinema: *Comme la littérature, les arts plastiques ou la musique, il est transposition, il a plus que tous ces moyens expressifs le don de suggérer, d'émouvoir.* E Elie Fraure: *«C'est la première invention humaine après le feu et avant l'imprimerie.»*

Para se fazer uma ideia da sua assombrosa expansão parece-me suficiente dizer que o espectáculo começado há quarenta anos nos baixos do «Grand Café» de Paris, graças aos irmãos Lumière, como uma simples curiosidade de fotografia animada, engloba agora em todo o mundo, um capital muito superior a quarenta biliões de francos e é freqüentado semanalmente por uma multidão calculada em duzentos milhões de pessoas!

Poderemos nós imaginar, o estado do cinema, d'aquí por mais dez anos, ao atingir o seu meio século de vida?

UM NOTÁVEL MELHORAMENTO

O Carnaval de 1936, nas ruas, apresentou-se mais uma vez com a sua extinta feição maltrapilha, com a característica nítida duma população que espera os divertimentos de metade dela, para se divertir a si própria, tôdavia, como a outra metade também espera o mesmo, a sensoria atinge o máximo e todos acabam por declarar que o rei Momo faleceu.

O Carnaval no Porto, teve a destacá-lo um facto que não passou despercebido àquêles que verdadeira e profundamente amam a sua terra, que ambicionam para ela progressos contínuos.

Queremos referir-nos à abertura dos salões do «Cinema Aguia d'Ouro» actualmente os melhores e os mais modernos desta cidade, que embora pese a muitos, são sem dúvida os primeiros no género dentro do burgo tripeiro.

De linhas modernas, com o predomínio absoluto da linha recta, com magnífica iluminação, são ótimos para conferências, bailes, etc. enfim reuniões de grande número de pessoas. De há muito tempo que no Porto se fazia sentir a falta duns salões desta natureza, onde podessem agregar-se duas condições que até aqui, outros não possuem: a quantidade e a qualidade.

O Porto fica devendo esta iniciativa ao Ex.^{mo} Sr. A. Pires, digno gerente da Empresa S. João-Cine.

Já a êste senhor devia a fase progressiva de que o cinema portuense está animado desde 1927; sem desprimôr para ninguém, e unicamente porque é de inteira justiça deve dizer-se que o cinema portuense viveu até essa data numa estagnação sujeita ao contrôle sem iniciativa do cinema na capital.

A abertura do «Cinema Aguia d'Ouro» completamente transformado, saído do vèlho teatro do mesmo nome, a magnífica selecção de programas que vimos — e saudosamente recordamos — fôram o fulcro que iniciou o desenvolvimento lógico do cinema nesta cidade.

Nada mais queremos dizer, porque sabemos melindrá-lo na sua modéstia; um dia haverá que dizer-se inteiramente tudo, para que lhe seja prestada a prova de reconhecimento, por quanto tem feito em prol do cinema e da cidade do Porto.

Que nos perdoe neste momento o termos ido buscá-lo para o nomear, com prazer, nas colunas da «Invicta Cine».

RENÉ CLAIR

Continuação da página 7



Se René Clair já havia firmado um lugar inconfundível no tempo do cinema silencioso, a sua carreira depois do advento do cinema falante marca-se por degraus ascencionais.

Primeiro é o «*Sob os Telhados de Paris*», já cheio de indicações sobre as possibilidades da nascente modalidade cinematográfica. Depois, esse filme admirável que é «*O Milhão*» — sem dúvida uma das mais interessantes obras do cinema europeu, que o público português desgraçadamente não soube compreender. Entre *O Milhão* e *14 de Julho*, — filme simples mas lindíssimo, suave e humano, cheio de poesia e de encanto — Clair demora-se um momento em reflexões filosóficas com *Viva a Liberdade*, que infelizmente não teve licença de percorrer os ecrans portugueses... E finalmente, esse outro filme que tantas divergencias levantou: *O ultimo Milionário*. Não cabe aqui uma análise a essa obra um tanto «*décousue*» e que me parece ter sido concluída sob coacção talvez de ordem comercial, talvez de ordem politica... Ha tôdavia

a notar, ao lado da sátira causticante, o curioso romance daquele par alheio a tudo, vivendo apenas para duas coisas verdadeiras: a Vida e o Amor. Do resto... «ils s'en fichent»!...

Ha poucas semanas foi apresentado em Londres, com grande successo, o último filme de René Clair: *O Fantasma vai para o Oeste*. E porque um filme de René Clair é sempre um filme que se aguarda, um filme porque se espera que traz sempre qualquer coisa nova, qualquer coisa diferente; e porque René Clair não é só um realizador possuidor dum estilo puramente cinematográfico, seguro na sua técnica, dominando-a a seu belo prazer, mas sobretudo um poeta e um criador, nós fazemos votos para que os fados permitam que o novo filme de René Clair não tarda em correr nas telas brancas dos nossos cinemas.

Ao menos para consôlo daqueles que amam verdadeiramente o cinema, que tam perdido tem andado do seu verdadeiro rumo...

A. C.

RIVOLI

depois de ter apresentado as maiores produções cinematográficas de todos os tempos, exhibe ainda durante a corrente época:

A Rainha de Biarritz

Uma das melhores comédias deste ano.

Um dia virá...

Deliciosa comédia com a encantadora Kate de Nagy.

Esposos Celibatários

Uma super da "Ufa", com Sim Viva, Mona Goya, Pizella, etc. A história de um homem casado com duas mulheres e que não sabe qual delas é a sua verdadeira esposa.

A Secretária e os Milhões

Admirável fonofilme da "Ufa" interpretado pela genial artista Brigitte Helm.

A OBRA DO DIABO

Fonofilme de enredo palpitante e misterioso com: Kate de Nagy, Pierre Blanchar, Gina Manés, Azaïs e Roger Karl.

Noite de Núpcias

Engraçadíssima comédia com Florelle e Armand Bernard como protagonistas.

Os dois Reis

Criação imortal do extraordinário actor Emil Jannings. Obra culminante e perfeita, cujo assunto foca, no seu máximo esplendor, grandeza e realismo, o reinado de Frederico Guilherme I, da Prússia.

Bôca Sonhadora

A obra prima de dois grandes astros da tela: Elisabeth Bergner e Rodolff Foster. Realização de Paul Cziner.

Valsas do Neva

Episódio delicioso da vida do grande Johann Strauss.

Canção da Felicidade

Comédia musical com o famoso tenor Herbert Ernst Groh.

Cinco raparigas encantadoras

Comédia fina, delicada, deliciosa e agradável.

As novas aventuras de Tarzan

O mais audacioso e emocionante espectáculo da actualidade.



...com a sua «franginha»
à Louise Brooks

**B
E
A
T
R
I
Z**



...no fonofilme
«O Trevo de Quatro Fôlhas»

**C
O
S
T
A**



...durante um desafio de
foot-ball efectuado no Porto.

LUZ "NÉON PORTUGUÊS."

(a marca que marca pela qualidade e grandes instalações efectuadas em Portugal)

Luz em tôdas as côres, inclusivé branco solar.

Economise 90 % de energia electrica substituindo as antiquadas lampadas pel's modernos e surpreendentes tubos de luz Néon-Português.

Néon-Português:—A única Fábrica, em Portugal, trabalhando exclusivamente em luz Néon, apresenta os trabalhos efectuados nos seus ateliers cuja enumeração, só por si, constitue o maior e mais formidável reclamo que se poderia fazer a um producto novo no País, cujo êxito de introdução se deve unicamente á nossa Casa que para tal não olhou a sacrificios de qualquer ordem:

Trabalhos saídos da Fábrica Néon-Português

Farmácia Luso Francêsa—Teatro Rivoli—Olavo Cruz, Ltda —Farmácia Lencart—*Teatro São João (formidável decoração com 140 metros de tubo de luz Néon, constituindo a maior e mais surpreendente de tôdas as decorações até hoje realizadas)*—Madame Campos, Ltda.—Oleos Sunoco —Fábrica de Papeis Pintados da Foz — Grande Hotel do Porto—Calçado Atlas—Farmácia Lemos — Camisolândia—Chapelaria Pereira Braga—Armazens do Norte—A. M. da Rocha Brito, Ltda.—Chevrolet—Pontiac—Vauxall—Opel—Loja do Povo e Casa Guimarães—Café a Brasileira—Peninsular Hotel—Streets, Limitada—Camisaria Vilaça—Ourivesaria Reis—Florista Libania—Matheus, Moraes & C.^a—J. J. Gonçalves, Scrs. Austin—A. Lacerda (oleos)—Restaurante e Café Hespanhol—Drogaria e Perfumaria M. M. Cardoso—Casa Flavio (Novidades)—Sindicato Nacional de Contabilistas e Guarda-Livros do Norte—Camisaria Elegante.

Padaria Pérola—Agfa Isochrom—Atlas Popular—Café Luso—Teatro Carlos Alberto—Chá Barrosa, L.da—Rádio Porto (R. C. A. Rádio)—Casa Sousa—Restaurante Escondidinho—Casa das Gabardines—António Sardinha, L da (Hillman)—Benamor—Nally—Detrola Rádio—Casa Benamor de A. Vilela & Irmão—João Pereira da Rocha (Standard)—Camisaria Adão—Luciano & Matos (Perfumarias Nally-Cintas Mediciniais)—Mário Ferreira Adler—Grande Bazar do Porto (Natal Alegre e Mundo das Creanças)—Casa Nini—Casa Mabel—A. Pinto de Miranda—Perfumaria Nally, perfumarias e sabonetes—Manuel Flores, Meias só Aqui—Casa Anvi—Teatro Sá da Bandeira—Laboratórios Bial (Benzo Diacol) Café Cabo Verde—Instituto Pasteur de Lisboa, Secção do Norte—Pargil, remédio da bôca—Frilax, remédio das dores—etc. etc.

Néon Português:—Marchando ao encontro das necessidades do comércio e indústria lança, no mercado, as novas modalidades de *ventas a prestações mensaes e reclamos de aluguer*, facilitando assim a propaganda pela publicidade luminosa que é, sem contestação, a propaganda da actualidade.

Programas móveis para Teatros e Cinemas a preços de verdadeiro reclamo.

Néon Português

Fábrica: **Largo da Carvalho, 184**

Telefone, 1168

Distribuidores Geraes

Martinez de Lima & C.^a, L.da

Séde: - **Lóios 71, 1.º**

Telefone, 1513

P O R T O



A
GRANDE
MARCA
NACIONAL

ATLAS

S. JOÃO CINE

apresenta esta semana a surpreendente
féerie musical

O RAPAZ MILIONÁRIO

com EDDIE CANTOR

— e —

AS SUAS FORMOSAS «GIRLS»

E

CINEMA AGUIA D'OURO

a exhibir brevemente a grande super-produção da
LONDON-FILME

A REVOLUÇÃO FRANCESA

The Scarlet Pimpernel

COM

Leslie Howard e *Merle Oberon*

Produção de *Alexandre Korda* e realização de *Harold Young*, segundo a novela da *Baronesa de Orczy*

Programa *Sonoro-Filme*